

# Desesquecimento

*Org. Erika de Aquino*

Coletânea do curso narrativas poéticas:  
entre o objeto e a memória



---

Desesquecimento [livro eletrônico] : coletânea do curso narrativas poéticas : entre o objeto e a memória / organização Erika de Aquino. – Belém, PA : Ed. dos Autores, 2023.  
PDF

Vários autores.  
ISBN: 978-65-00-77712-3

1. Contos brasileiros – Coletâneas 2. Infância na literatura  
3. Memórias I. Aquino, Erika de.

23-168481

CDD-B869.308

---

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Coordenação editorial	Erika de Aquino
Assistência editorial	Caroline Sampaio Ribeiro, Mari Mendes
Revisão de textos	Fabíola Paschoal, Felipe Hilan Guimarães, Will G.S.G
Montagem da capa	Monique Malcher
Formatação e Projeto gráfico	Ederson Ciriaco

## Prefácio

Cada corpo uma casa.

Cada casa fala os dialetos de um corpo.

Existiu o tempo em que a frieza dos objetos da casa, da vida... nada falavam. Esse tempo que aconteceu na cabeça dos que não sentiam as palavras por todo canto, ainda. Todo humano carrega consigo e em si algum objeto que muito diz, alguma memória que o arranca da morte ou o faz a ver de outro modo. Cada objeto que se apresenta nos dias nos inunda pela alma e pela querência do que é vida, movimento e troca.

Nas caixas, malas, armários e esconderijos vários estavam todos esses objetos que dançam nas folhas do livro que nasceu do encontro dos que ainda acreditavam na escrita como modo de estar na areia movediça que é o universo. Esse que nós mesmos construímos e destruímos todos os dias.

Cortei a mão enquanto lavava um copo, que foi inundado em sua transparência pelo vermelho de minhas experiências e passos. Jogar fora ou alinhar os cacos em busca de um recipiente outro? Para todos os lados que olho, essa parece ser a questão que sempre se apresenta diante dos olhos. Comecei a observar o sítio arqueológico, que costumo chamar de casa, e me vi como exploradora de objetos que ninavam lembranças, amores e ódios. Dessas ideias tantas surgiram contos e histórias que me levaram a querer partilhar o processo de encontrar vida no que nos parece inanimado.

Como nos provoca Alejandro Zambra em *Bonsai*, também convidei os alunos da Oficina de escrita promovida pela Casa da Linguagem do Pará para criarmos bonsais, pequenas narrativas, com sensações gigantes e ilusões mais reais do que o olho pode alcançar. Falamos sobre objetos e como eles poderiam contar histórias de nossas trajetórias, famílias e de personagens outros. Nessa coletânea de bonsais você encontrará vozes imensas que urgentemente precisam ser lidas. É assustador o que pode fazer um sol quando resolve compartilhar seu brilho. Convido você leitora e leitor para dançar com esses jovens autores, que aprenderam que falar do que é pequeno e simples não é simplório. É uma atitude complexa e política de colocar a palavra para tecer algo além do primeiro olhar. Desesquecimento, para nunca mais esquecer.

***Monique Malcher***

(escritora e autora de “Flor de Gume”, ganhador do Prêmio Jabuti 2021 - Categoria Contos)

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	3
Monique Malcher	

### PARTE 1

## Infância

<b>Domingo, 21 de Abril de 2030</b>	9
Will G.S.G.	
<b>Dia de alagamento</b>	10
Felipe Hilan Guimarães	
<b>23 De julho</b>	11
Anna Fernanda Eloísa	
<b>Meu querido diário</b>	13
Karlene Bianca	
<b>O silêncio de cidinha</b>	15
Deyse Abreu	
<b>Domingo, 08 de agosto</b>	16
Tiago Amaral	
<b>18 de setembro de 2001</b>	18
Caroline Sampaio Ribeiro	
<b>É Como Andar de Bicicleta</b>	19
Karimme Silva	
<b>Querido diário</b>	21
Erika de Aquino	
<b>19 de abril de 1998 - O dia do cachorro</b>	22
Lorena Palheta	

<b>Ser chão</b>	24
Mari Mendes	
<b>Tia Lu</b>	25
Renato Dias	
<b>Olá, Dani do futuro!</b>	27
Lívea Colares	

## PARTE 2

### DesesqueSer

<b>Bug</b>	31
Caroline Sampaio Ribeiro	
<b>O Perdedor</b>	33
Will G.S.G.	
<b>Raízes</b>	34
Fabíola Paschoal	
<b>Não achei minha lembrança</b>	35
Karimme Silva	
<b>O salto</b>	36
Erika de Aquino	
<b>Navio fora do porto</b>	38
Lívea Colares	
<b>O celular (amores descartáveis)</b>	40
Anna Fernanda Eloísa	
<b>Retrato</b>	43
Felipe Hilan Guimarães	
<b>Eu vim pra cuidar de você</b>	44
Mari Mendes	

<b>Fino Trato</b>	46
Deyse Abreu	
<b>O Sapo e a Coruja</b>	47
Tiago Amaral	
<b>A blusa</b>	48
Karlene Bianca	
<b>Sob a figueira</b>	50
Fabiola Paschoal	
<b>Espadas</b>	51
Lorena Pallheta	
<b>Tinha uma borboleta no olhar</b>	52
Renato Dias	
<b>Minibiografias</b>	54

# **Infância**

Esconderijo da memória

*Tudo o que não invento é falso*

*Manoel de Barros*

## **Domingo, 21 de Abril de 2030.**

Oi,

Hoje faz três anos que eu escrevo aqui em você, Diário. E desse tempo todo, é a primeira vez que tenho uma novidade muito boa pra contar: tomei meu primeiro banho de mar.

Sabe, aqui onde eu moro é beeeem longe da praia. E como a gente não podia nem sair de casa pra ir pra escola, imagina só dirigir desde que o sol nasceu até quase na hora do almoço pra ficar no meio de um monte de gente - e quase todo mundo pelado! Mas daí agora a mamãe disse que acabou o perigo. Que aquela gotinha que eu tomei vai deixar todo mundo protegido do bichinho que levou a vovó pra morar no céu.

O mar é muito grande e meio brabo. Faz um barulhão quando a onda estoura e vem correndo atrás da gente. Eu fiz um castelinho de areia com um baldinho que meu amigo Otávio me emprestou, ele tem 7 anos e gosta de sorvete de groselha. Meu pai não queria que eu pegasse coisas emprestadas dos outros, mas a mamãe deixou. Nosso castelo ficou grandão.

Depois, o papai me levou pra voar. Ele me colocou de cavalinho e me levou no fundão, com a água batendo no pescoço dele. Daí vinha a onda, mas sem estourar, e a gente ia bem alto, parecia que tava voando, mesmo.

Agora a gente vai pra praia todo ano, meu pai foi que prometeu porque ele agora tem um emprego que vai trabalhar todo dia de noite. Quero muito voltar logo. Amanhã tem aula e é meu primeiro dia na escola. Na escola de verdade, não no computador. Quero muito conhecer a professora, e meus colegas, e brincar de esconde-esconde no recreio. Agora eu vou dormir, tá? Tchau!

***Will G.S.G.***

## **Dia de Alagamento**

Barulho de um portão sendo aberto. Bom sinal! O portão fica na lateral de casa e dá direito a um longo corredor com lajotas beges imensas. As paredes são tristes de um cinza sem vida e cheio de buraquinhos contar. Já até tentei quantos deles têm ali, mas ultrapassa a quantidade dos meus dedos.

A gente quase não usa esse caminho pra entrar ou sair de casa. Tem uma porta principal pela qual as pessoas vão e vêm. Abrir o portão lateral só significa uma coisa: é dia de banho com muita brincadeira, água e sabão.

O papai abriu os cadeados e começou a encher os baldes com água de uma torneira que fica no corredor. Coitadinha da torneira. Esquecida ali por vários dias. Mas hoje era dia de ser usada. Ela jorrava muita água por, talvez, estar ansiosa em participar da brincadeira com a gente.

Enquanto o papai ia enchendo tudo e preparando nossa manhã, minha irmã e eu fomos comer rapidinho alguma coisa pra não perder mais tempo. Depois a gente vestiu uns shorts velhinhos e separou alguns brinquedos que costumavam nos acompanhar: bola, cones, algumas pecinhas de montar.

Portão aberto. Baldes cheios. Corredor limpo. Papai com sorriso. Quando a gente se aproximou, o papai jogou água pelo corredor todinho, formando um imenso rio de lajotas encharcadas. Minha irmã se preparou para o salto e se lançou pelo chão liso, que a levou até o outro lado do corredor, já na beira da rua.

Eu fui o próximo. Mais água se espalhava pelo corredor. Minha irmã, aos berros, me chamava. Enfim, me joguei no grande corredor. De peito no chão, dava pra sentir pedrinhas que se misturavam com o lugar da nossa brincadeira. Cheguei ao outro lado me chocando com a minha irmã, e a gente se acabou de rir em mais uma manhã de alagamento.

***Felipe Hilan Guimarães***

## 23 de Julho

Hoje o dia tá quente. Pena que eu tô em casa... ontem eu tava lá no Marajó. Cheguei de noite, aqui. A gente foi pra lá no início das férias. Égua, foi tão legal! Eu esqueci de levar você, deixei em cima da mesa. Ainda bem que todo mundo foi junto comigo. Nem quero pensar minha mãe ler o que eu escrevo aqui. Agora pensa, um lugar tão bonito.

Eu tomei banho de igarapé logo que a gente chegou no sítio de manhãzinha. Égua, era grandão! Tinha muito mato que não dava pra passar. E o igarapé tava rodeado de um monte. Fiquei com muito medo no início. Eu só tinha ido na praia e na piscina, né. Queria o quê?!

Pior que foi difícil mesmo, me convencer. Mas depois que eu entrei e perdi esse medo, égua, foi muito gostoso aquele banho geladão! O chuveiro nem foi o mesmo depois que sai de lá. Parecia até que era chuveiro elétrico.

O chuveiro não era, mesmo. Mas, eu gostei também do hotel. Ele ficava na frente da prainha. E praia eu gosto, né?! Então, depois do almoço, assim já de tardezinha, minha mãe me deixou brincar na rua e eu podia ficar até bem tarde, sabe. Só entrava já umas nove horas. Eu ficava morta.

No primeiro final de semana, a gente foi no Museu do Marajó. Tinha uma foto de uma piranhona bem na entrada! Égua, mas eu nem me assustei. Andreza que é chorona, abriu logo o berro e mamãe carregou ela no colo até a gente ir embora. Eu até que nem me importei, sabe. Tinham umas coisas legais pra ver. Sobre pessoas indígenas e as pessoas como eu, que foram escravizadas. Eu não gosto de ver, sabe, mas assim a gente não faz essas coisas horríveis de novo. Eu pelo menos não! E quando a Andreza crescer mais, vou levar ela de novo, pra ela se lembrar, né.

E quando a gente saiu do museu? Égua, foi incrível! O amigo do papai, seu Sebastião, me deixou carregar o papagaio dele no meu ombro! Eu também fiquei com medo, né?! Já vi um menino levar uma bicada de papagaio, quando botou o dedo na grade da gaiola, lá no Bosque Rodrigues Alves. Égua, deve ter doído muito! Foi beem sangue que saiu.

Mas, olha, no último dia foi muito engraçado: eu tava sentada lá na frente do hotel, na calçada. Mamãe tava na janela me olhando. Daí, um urubu desceu, assim, no meio da rua. Na hora que passou uma moto, ele saiu pulando, todo doido. Eu comecei a olhar, quando vi, ele deu foi de cara na parede! Égua, todo mundo começou a rir do uruburro (eu que inventei)!

Depois a gente terminou na festa da praça, que tava tendo roda de carimbó. Eu gosto muito, sabe. Égua, eu danço que só. Consegui até uma saia e as tias dançando me ensinaram a fazer a flor com a saia, na hora do giro. Acho que quero ser dançarina de carimbó!

Eu queria tanto continuar lá até o final das férias... Comi carne de búfalo. Eu gostei. Vou pedir pra mamãe pra gente ir lá de novo nas próximas férias.

Ela tá me chamando pra almoçar. Vou lá, que eu já tô com fome e hoje tem açaí. Até depois.

*Assinado,  
Lua.*

PS: EU TO MUITO FELIZ QUE A MAMÃE DISSE QUE A GENTE VAI VOLTAR LÁ NO FINAL DO ANO! E A VOVÓ VAI COM A GENTE!

---

*Anna Fernanda Eloísa*

## **Meu querido diário**

**Santo André, 17 de abril de 2019**

Nooooosaaaaa!!! Que dia foi hoje!!!! Ainda bem que terminou, ou melhor, não terminou porque estou aqui escrevendo.

Tenho só a luz do abajur, para a mamãe não ver que eu ainda não dormi.

Hoje, fui para o céu e para o inferno, briguei e amei a mamãe...que dia!!

Como sempre escrevo aqui, não gosto de estudar...

Não gosto e ponto, não sei explicar porque, mas prefiro ficar brincando, assistindo TV, qualquer coisa menos estudar.

A escola é chata, a Lara que pensei ser minha amiga foi uma chata hoje, ficou rindo quando errei a resposta de uma pergunta de matemática.

Chorei escondida.

Chorei muito!

Depois fiquei emburrada - nem sei o que é isso, mas quando a mamãe foi me pegar, ela perguntou o que eu tinha, não falei, porque ela não tava lá e não viu.

Ela disse que algo tinha acontecido porque eu tava emburrada.

Nem ser o que é emburrada, será que mamãe quis dizer que estou burra e concorda com a Laura?!

Almoçamos. Mamãe querendo saber o que aconteceu e eu quieta.

Ela insistiu e acabei falando que a comida tava ruim, para ela esquecer da escola, mas aí discutimos, porque a mamãe fez lasanha (que eu AMOO!) e eu reclamei.

Ela ficou calada o resto do dia, emburrada na sala e eu, emburrada no meu quarto.

Para completar, meu pai me ligou dizendo que não vai ficar comigo nesse fim de semana porque vai viajar com a esposa e o filho - ÓDIOOOO!

Porque eu não posso ir junto? Sou filha dele antes da mulher que casou com ele e do filho, até gosto do meu irmão, mas meu pai dá muito atenção para ele e para a minha madrasta então...aff ela parece a Rainha Má da Branca de Neve.

Chorei de novo.

Chorei muito.

Mamãe ouviu eu falar com meu pai e veio me abraçar, eu não quis.

Depois eu quis.

Pedi desculpas pelo almoço, ela disse que tudo bem e ainda tentou dizer que meu pai me ama e blábláblá.

Ela sempre faz isso!

Não entendo.

Ela sabe que ele não me quer, mas sempre diz que ele me quer.

Na verdade, acho que ela me ama e não quer odiar.

Odeio ela por não odiar meu pai.

Odeio meu pai por não me amar.

Mas é sempre bom saber que tenho minha mãe do meu lado.

Na escola, todos riem de mim e fico sozinha.

Meu pai tem outra família.

Minha mãe tá aqui...ainda...

Espero que a morte demore a chegar.

Não posso ficar sem ela agora, tenho medo!

*Karlene Bianca*

## **O silêncio de cidinha**

Já era noite em que a avó de Cidinha chegava em casa, a menina corria para o colo e ficava ali esperando os afagos manhosos daquele corpo aquecido que tinha textura de lar. Sempre muito quieta, ouvia com atenção os barulhos-barriça que pareciam chamar à conversa, mas logo era interrompida pelo cansaço e os afazeres que precisavam ser feitos, afinal o dia ainda não havia acabado. A avó cheirava-lhe a cabeça e saía.

Cidinha queria contar da novidade do dia, estava ansiosa para contar a alguém. Mas do mesmo modo, esteve pensando que se contasse, talvez fosse ralhada. E se a vó não ficasse satisfeita? E se por acaso ela dissesse que não? Era melhor manter segredo. Sempre foi muito calada, ninguém ousaria desconfiar do silêncio guardado, e mais, talvez quando encontrasse a prima no final de semana pudesse lhe contar tudo e quem sabe mostrar a novidade.

Todos os dias a rotina era a mesma, a avó com carinho a acordava no balançar da rede e dizia que era hora de estudar. Queria que Cidinha terminasse a escola, quem sabe um dia pudesse ensinar-lhe a escrever o nome completo. Era um sonho que iria pedir para Cidinha no futuro.

Acordava, seguia para a escola e se separava da avó, gostava de estudar, gostava mais ainda da professora, era sempre muito gentil a forma que a chamava, via na professora um amor de mãe, ficava imaginando ser a filha ou no mínimo uma sobrinha querida.

Quando saía da escola, voltava sozinha para a casa, às vezes tinha que ficar na de uma tia, mas nem sempre ficava, preferia ir para a sua casa, tinha mais liberdade para brincar. Corria no quintal até ficar exausta e acabava esquecendo de varrer o chão ou de arrumar as coisas para a avó. Sentia-se culpada, mas era tão bom brincar.

Naquela tarde, ouviu seu nome ser chamado baixinho, “Cidinha! Ei! Corre aqui!”. Ela sentiu vontade de entrar em casa, mas ficou curiosa e foi até o chamado. Era o filho da dona Rita que ia pra igreja com a avó de Cidinha. Então, o garoto lhe mostrou uma boneca, e disse que era para ela aquele presente. Cidinha ficou sem acreditar, – um presente! Uma boneca com a pele parecida com o colo-lar da avó, queria brincar com ela. Pegou a boneca. Sonhava com um telefone de brinquedo, mas não se dava o luxo de pensar em preferir algo. Um sorriso se alargou em seu rosto, pois teria alguém com quem brincar. No entanto, o neto de dona Rita acabou pedindo para guardar em segredo, pois a avó de Cidinha poderia brigar e fazê-la devolver o presente. Cidinha sem pensar, aceitou o acordo. E ele, saiu na espreita se escondendo por entre a cerca tão rápido como havia chegado.

Um presente, uma boneca. Cidinha queria contar, mas era quieta demais e tinha medo da avó não gostar. E ela que gostou tanto do brinquedo!

*Deyse Abreu*

## **Domingo, 08 de agosto**

Acordei cuíra hoje. Meus pais nem precisaram me chamar. Às 6h, eu já estava de pé com minha mochila pronta e só esperando o café pra começar minha aventura.

Fechamos a casa e fomos pra parada pegar o ônibus de Icoaraci. Ele nem demorou e logo quando chegou, eu subi correndo, passei por debaixo da catraca e sentei ao lado da janela. Meu irmão, que tava feliz que nem eu, fez o mesmo e logo estávamos admirando aquele belo dia e os monumentos que não tínhamos tanto costume em ver.

Chegamos na orla, compramos as passagens, embarcamos e lá estava eu, com um sorriso de orelha a orelha, num popopô no meio da Baía do Guajará. Engraçado que nesses momentos, parece que o tempo passa mais rápido, porque num estalar de dedos, estávamos desembarcando na ilha de Cotijuba.

A tapioquinha da ilha e as ruínas do educandário sempre nos convidam pra uma pausa na orla da ilha, mas não dava pra demorar muito porque todos estavam ansiosos para tomar banho de praia. Logo subimos numa motorrete (mistura de moto e charrete) e meu pai disse pro motorista nos levar pra praia do Vai-quem-quer. De início, eu não entendi o motivo daquela praia ser chamada assim, mas logo ficou claro, porque demorou um bocado pra chegarmos e realmente, só vai quem quer mesmo.

Assim que eu vi aquele lugar, fiquei encantado e minha vontade era de ir logo pra água, mas minha mãe disse que primeiro era pra eu trocar de roupa e passar o protetor. Eu tava torcendo pra ela não lembrar daquele protetor, porque depois que passa ele no corpo, tem que esperar 10 minutos pra ele secar, e tudo que eu não queria era esperar, mas não tinha jeito. Enquanto isso, escolhemos uma mesa dentre as várias que os funcionários dos restaurantes deixam na beira da praia e pedimos nosso almoço: Caldeirada da ilha.

Depois de um longo tempo de espera, eu finalmente fui liberado pra tomar banho. Fui disparado pra água e quase tropecei na areia, mas segui alvoraçado. Meu irmão e meus pais me seguiram e logo toda família tava jogando um vôlei improvisado ao som das músicas de Nazaré Pereira e Dona Onete, que tocavam em um bar ali perto.

Quando a partida de vôlei acabou, já era hora da corrida. Os corredores eram eu, meu pai e meu irmão e combinamos que uma pedra que estava um pouquinho longe marcaria a linha de chegada. Nos posicionamos e minha mãe fez a contagem para o tiro de largada. Comecei mal, mas foi de propósito porque eu ia esperar os meus concorrentes cansarem pra eu dar o meu melhor.

Enquanto corria, eu tive uma sensação boa. Parece que o tempo parou e pude ver onde eu tava e com quem eu tava. A paisagem era linda e minha

família tava feliz. Meus olhos castanhos brilharam e fiquei ainda mais feliz por comemorar uma data tão especial ao lado de pessoas que amo.

Assim que o tempo voltou, corri pra valer e ultrapassei meus adversários, sendo o primeiro a ultrapassar a linha de chegada imaginária. Subi no pódio (a pedra) e vi minha mãe de longe apontando pra nossa mesa. O almoço tinha chegado! Corri novamente e percebi que a Caldeirada da ilha tinha um cheiro excelente. Na mesa, uma grande panela de barro servia um peixe cozido de dar água na boca. Comi tanto que fiquei mufino.

Depois que todos acabaram e os rapazes do restaurante retiraram os pratos e a panela, percebi que minha mãe tirava algo da nossa bolsa térmica, e pra minha surpresa, era um pequeno bolo de maracujá que ela fez durante a madrugada e eu não havia percebido. Ela colocou o bolo no centro da mesa e espetou duas velas nele, cada uma tinha o formato do número “1”. Depois todos cantaram parabéns e eu fiquei todo envergonhado, mas lá no fundo, eu tava muito feliz.

Acho que eu poderia continuar lhe contando sobre esse dia e falar tudo que aconteceu na hora de voltar pra casa, mas eu tô muito cansado e com muito sono, e preciso dormir porque amanhã tenho que acordar cedo pra ir pra escola e contar sobre meu fim de semana pros meus amigos. Quem sabe um dia eu volte a escrever sobre isso, mas posso dizer agora que meu décimo primeiro aniversário foi incrível!

Amanhã eu volto e digo como foi meu dia.

***Tiago Amaral***

## 18 de setembro de 2001

aconteceu uma guerra. eu queria o babalu tuti-fruti e o pai deu para mariana. eu sei de uma coisa, basta chorar que o pai fica com pena. escandalizei, nas palavras de mamãe. pai tomou o chiclete, já tava descascado e tudo, quase na boca de mariana e me deu pra mim parar de chorar, uma moça grande dessas. odeio quando ele me chama de moça.

tava tão bom quando explodiu na boca, mastiguei, mastiguei, quase sai uma bola, um dia consigo fazer uma. quando a borracha ficou sem cor, coleí atrás da porta e fui atrás de mari pra gente brincar de qualquer coisa, de assassino, detetive e vítima. achei ela cavando um buraco. falei que ia ajudar ela a catar minhoca. ela levantou e foi abrir outro buraco mais pra lá. fui mais perto, e antes de encostar as unhas na terra, mariana levantou de novo e foi pra mais longe.

ela não falou comigo o dia inteiro. pedi pra mamãe pra mandar mari falar comigo. ela disse que nunca mais falaria comigo pra sempre, que a gente tava de mal. fiz uma promessa pra ela voltar a falar comigo.

peguei um martelo e quebrei um pouquinho o porquinho só para pegar uma moedinha, pai nem vai perceber. fui na venda e comprei dois babalu, peguei o coração ♥ de dia das mães que a professora mandou a gente fazer, apaguei eu te amo mãe ♥, saiu um pouco do \*\*\*gliter\*\*\*, mas ainda estava bonito assim vermelho aquele bilhetezinho para mariana, coloquei junto do babalu na nossa cama em cima da roupa que ela ia vestir quando saiu do banho.

agora, estou esperando todo mundo dormir, tem luz acesa no quarto deles, tem sussurro, mari dorme, deve estar é cansada, a gente brincou tanto na chuva, o arco-íris era meu, é de quem vê primeiro, mas deixei de ser de mari também, depois o pai trouxe um pacote de cocadas e deu pra gente e a gente comeu e deu pra nossas filhas de plástico. o lápis está ficando sem ponta, dorme logo pai e mãe, já é quase meia-noite e eu preciso ir no cemitério cumprir a minha promessa se não vou ficar muda pra sempre.

*Caroline Sampaio Ribeiro*

## É como andar de bicicleta

Uma tarde de sol em 1996. Uma rua de pedras. As casas são quase todas iguais. O que muda: as cores e algumas casas que possuem cercas e árvores na frente. Há uma menina na calçada, com outras crianças. Ela quer aprender a andar de bicicleta, mas tem medo de cair. Ela entende que irá cair, se não conseguir se equilibrar. Algumas crianças já andam de bicicleta, o irmão dela também. A menina quer aprender, só não sabe como.

Passa o carrinho de algodão-doce e ela corre para dentro de casa, para pegar as garrafas que estão no quintal e trocá-las. Volta feliz com uma garrafa vazia de guaraná que tomou no lanche mais cedo, quando comeu pão com manteiga. Mais tarde vai passar o carrinho de pipoca e ela já guardou 50 centavos no bolso para quando ele passar. Depois de se lambuzar comendo algodão-doce, ela volta a olhar a bicicleta. Tiraram as rodinhas laterais e ela fica imaginando como deve ser pedalar sem elas. A maioria das outras crianças já sabe, ela não. Olha para os joelhos e percebe o quanto estão roxos. Ela já caiu outras vezes, correndo na rua, brincando de futebol, taco, pira-pegas. Sempre gostou de correr e nunca teve medo de se machucar, mas agora sente medo de cair. O irmão olha e fala pra ela subir na bicicleta e não parar. É só não parar, que ela não cai. Mesmo assim, ela sente medo.

A rua é perigosa, passam alguns carros e o sol está muito forte. Ela sente medo. Então, o irmão segura a bicicleta para ela. Ela sobe, segura firme e vai. Pedala pela primeira vez e se desequilibra. Cai, batendo os braços e parte do rosto no chão. Começa a chorar. A mãe aparece e pergunta o que houve. Ela diz que só queria aprender o que o irmão dela e as outras crianças já sabem. Ela queria andar de bicicleta, só isso. A mãe pega um remédio e passa no braço da filha. Arde, dói. Ela chora ainda mais. Diz que nunca mais vai chegar perto de uma bicicleta de novo. Então, a mãe a coloca no colo e diz pra ela se acalmar. A menina senta na calçada olhando as outras crianças, agora de longe. O irmão vem até ela e diz: *Vai de novo. Eu não vou te soltar.*

Ainda com lágrimas nos olhos, a menina decide arriscar. Olha fundo nos olhos do irmão, como quem implora confiança. Sobe mais uma vez na bicicleta. Mesmo com medo e com a cara de choro, pedala. Dessa vez, pedala mais forte. Mais rápido. Avista alguns sacos de lixo à frente e desvia deles. Quando percebe, o irmão está sorrindo para ela, há alguns metros de distância. Ela já está longe, na bicicleta. Percorre toda a rua, naquele sol escaldante de três horas da tarde. A menina está suando, de nervoso e de calor, mas está seguindo. Pedalando. Caminhando. Apesar do medo, ela sabe que é preciso se equilibrar e continuar, pois se parar, cai.

Hoje, mais de vinte anos depois, ela compreende o quanto a vida é meio como andar de bicicleta. Tudo tão real quanto os ferimentos, que às vezes, são mais que físicos. O medo existe, o choro, o nervoso e a busca incessante pelo equilíbrio. Mesmo sabendo andar, às vezes, podemos acabar caindo. Ela caiu, mas conseguiu levantar.

E tu? E eu? Quando conseguimos nos equilibrar, cair e levantar?

*Karimme Silva*

Querido diário,  
espera um pouquinho...  
preciso olhar se alguém está vendo...

é que ainda estou na escola, não sei o que houve em casa, mas esqueceram de mim. nunca fizeram isso antes, mas tá tudo bem, já brinquei bastante com outras crianças que ficaram, agora estou no cantinho do palco, o lugar que mais gosto daqui. eu me imagino bailarina rodando, mas tenho vergonha que os outros me vejam, então nunca rodei. hoje, a alegria vai me acompanhar de volta para casa. estou com uma sensação melhor do que comer minhas jujubas preferidas, sentei ao lado de pedro. senti coceirinhas no nariz e formigas nas pernas quando a professora nos colocou na mesma mesa. ele é tão legal, sabe! desejo que a hora do recreio nunca termine quando estamos juntos. pedro tem cheiro de chiclete e tênis colorido. foi o que vi de longe no primeiro dia de aula depois das férias, um aluno novo que chegava de um lugar diferente que não sei qual é. me disse que um dia me conta, agora não pode. mas assim como eu, ele não tem pai. talvez seja esse o seu segredo, então, eu já sei pedro, tudo bem. na minha certidão tem pontilhados no lugar de pai. mas me parece que todas as crianças têm pai. no meu livro da escola a família tinha pai, mãe e filhos. Tem algo de errado com a gente? eu acho que pedro não quer achar o pai como eu quero. dividi com ele meu lanche de novo, depois que começamos a fazer isso, tenho até comido com mais gosto o que minha mãe coloca na lancheira. ainda estou esperando a vizinha que trabalha aqui me levar. tá varrendo a escola e arrumando as cadeiras, enquanto isso fico aqui olhando tudo acontecer e escrevendo em você. mas não me importo de esperar, a alegria que estou dá e sobra para mais um bocado de tempo.

beijos, ouvi ela me chamar, acho que vamos embora. até em casa. vou te guardar bem guardadinho <3

*Erika de Aquino*

## 19 de abril de 1998 - O dia do cachorro

Ontem foi um dia muuuitoouo legallll!!

Saímos para ir buscar o cachorro na casa da Tia Arlete. Nem acreditei quando mamãe concordou. Ela disse que posso cuidar agora que já tenho 10 anos.

A casa da Tia Arlete é longe pra caramba. Passamos mais de uma hora no ônibus. Fiquei muito enjoada e achava que ia desmaiar como das outras vezes. Logo coloquei um pirulito na boca. Vai que estivesse ficando sem açúcar de novo, né? A médica disse que sempre tenho que ter um bombom no bolso porque sou hipoglicêmica. Não entendi direito e até anotei essa palavra na lousa aqui do quarto pra não esquecer. Ouvi mamãe dizer pra Tia Eva no telefone que é o contrário de ser diabética. Por isso, assim que coloquei o pirulito de coração na boca, mastiguei ele todinho e engoli. Deus me livre passar mal e mamãe ficar desesperada daquele jeito dela, me levar para o hospital e esquecer do cachorro.

Quando chegamos na casa da Tia Arlete, fui logo olhar a Juma e os filhotes. Eram seis. Todos muito lindos e fofinhos com focinhos molhados. O que mais gostei foi o marrom que veio logo correndo todo torto até mim. Era o único marrom. Os outros eram malhados de branco e preto. Pareciam vaquinhas com cara de cachorro.

Almoçamos na casa da Tia Arlete e de tarde fomos à praia perto da casa dela. Aprendemos a usar crase no colégio. Agora sei que é “à praia” e não “na praia”. Não deu para tomar banho porque a água lá é suja. Também, nem levei roupa pra isso.

Mamãe disse que eu podia molhar só o pé e brinquei pra caramba com as ondinhas que pareciam espuma. Toda vez que o monte de espuma ia chegando na areia eu corria pra ele não me alcançar. Fiz isso até ficar cansada e depois mamãe me deu água de coco e um chocolate. Quando terminou a água, o homem da barraca cortou e eu comi a meleca branca e docinha que fica dentro do coco.

Praia é muito legal. Mesmo quando não dá pra banhar. Lá também catei umas conchinhas que depois vou fazer uma pulseira de colocar na perna que quero usar nas férias quando a gente for pra Fortaleza.

Já estava quase escurecendo quando viemos embora. O ônibus demorou que só. Mamãe carregava o cachorrinho em uma caixa de sapato cheia de furos. Queria segurar um pouquinho também, mas ela só deixou quando sentei na cadeira alta do ônibus.

A volta para casa foi mais rápida. Fiquei brincando de colocar o dedo no burquinho da caixa pro cachorrinho morder e nem enjoei como na ida.

Quando chegamos dei leite pro Fred. Foi esse o nome que escolhi por causa do Fred Flinstones. Ele vomitou todo o leite. Mamãe brigou comigo e disse que cachorro não toma leite igual o nosso. Chorei pensando que ia matar a minha bolinha de pelo ou que mamãe fosse devolver ele para Tia Arlete. Fiquei tão nervosa que nem consegui escrever aqui no diário e fui logo dormir.

Acordei com ele arranhando a porta e chorando fininho. Fiquei aliviada que nada de errado aconteceu.

Ainda agora, nossa vizinha veterinária veio aqui e trouxe uma ração miudinha para o Fred. Ele gostou muito e comeu até ficar com a barriga grandona.

Mamãe disse pra eu não ficar segurando o meu cachorro toda hora senão ele vai ficar mofino. Então, deixei ele brincando com o bonequinho de plástico que apita que veio no brinde do aniversário da Ana.

Quero logo que o Fred cresça para correr e brincar comigo. Vou ensinar um truque que vi na tevê de sentar e dar a pata. Também vou pedir pra mamãe comprar bolinhas pra ele pegar. Só de olhar para ele fico feliz. Acho que não faz mal eu ir lá carregar meu cachorrinho agora, né? Quando tiver novidades volto aqui pra escrever!

***Lorena Palheta***

## Ser chão

Querido diário, hoje eu brinquei de ser chão.

Fiquei deitada e bem parada, pensei que era dura e fria e que o sol tava querendo me esquentar. Ele conseguiu.

Depois eu senti as pessoas pisando em mim e aí eu senti cócegas porque alguém me varreu.

O mais legal de tudo foi sentir que chovia em mim, as gotinhas todas ao mesmo tempo era um tipo de massagem no duro do meu corpo de chão.

Aí eu falei pra vovó que eu brinquei de ser chão. Ela falou: Repete, só que com raiva. Aí eu fiz muita cara de brava e gritei: Eu brinquei de ser chão! Aí ela: Repete triste. Aí eu fiz cara de muito triste, até meu olho encheu de lágrima e eu falei bem baixinho: Eu brinquei de ser chão. Aí ela: Repete como se fosse muito engraçado. Aí eu sorri um sorriso bem grandão e dei muita risada entre as palavras: Eu brinquei de ser chão... E aí a gente riu até não parar mais.

Depois eu assisti a aula no computador e ela colocou biscoitos no prato.

Quando a gente tava tomando banho, tocou o interfone e a vovó foi atender correndo pelada. Eu falei pra ela tomar cuidado pra não se derramar no chão desmontada. Aí ela riu.

Às vezes eu sou engraçada. Até quando falo sério.

Ela pediu pra eu pegar um par de meias na primeira gaveta da cômoda. Aí eu abri a primeira gaveta de baixo. Aí ela riu. E ela disse que os adultos gostam de ver tudo de cima. Estão acostumados.

Aí eu sussurrei no ouvido dela como se eu estivesse contando um segredo: Por isso que eu brinquei de ser chão.

*Mari Mendes*

## Tia Lu

Planeta Terra, Vinte e três de Julho de mil novecentos e noventa e dois.

Já é noite e escrevo debaixo das cobertas, meu diário querido. Hoje foi um dia tâaaaaaaao feliiiiiiiiz! Fogos de artifício, bolhas de sabão e aqueles bichinhos que brilham e apagam e brilham e apagam brincam agora na minha cabeça. Ilariê, ô ô ô!

Primeiro, papai se acidentou, caiu da escada e ficou gritando que o braço dele tinha quebrado. Ele sempre me diz que homem não chora, mas ele estava chorando, feito criancinha que cai e rala o joelho e precisa passar mertiolate. Criancinha, não criança-grande que nem eu. Ele teve que engolir o choro. Bem-feito, não tenho pena não. Ele sempre me manda engolir, ele que engula o dele.

Mamãe o levou para o hospital. Mas não foi por isso que o dia foi feliz. Não, não, porque a gente não pode ficar feliz pela dor do outro. Eu quero ir pro céu.

Segundo, sabe por que foi feliz, sabe? Foi porque mamãe não tinha com quem me deixar e ligou para tia Lu. “Cuidado com meu filho, blá, blá blá!”. E tia Lu me levou pra casa dela. É segredo, mas mamãe diz que a casa da titia é de maconheiros, mas tia Lu diz que é casa de artistas. Não sei.

Tia Lu é gêmea da mamãe. Cara-de-uma-focinho-da-outra. Mas mamãe vive irritada e tia Lu vive sorrindo. Tanto que nem parecem irmãs. Chegando lá conheci Edu, Brisa da manhã e Zênite. Atores da companhia de teatro e namorados de titia. Ela me disse que tem muito amor pra dar. Lá eu almocei pizza e suco verde, que não tem gosto bom, mas que faz bem. Por isso bebi tudinho.

Depois, tia Lu disse que se eu quisesse poderia escolher qualquer fantasia do guarda-roupa. Qualquer uma que fosse, pois iríamos brincar de teatrinho. Eram tantas as fantasias, tantas assim ó! Uma porção! Tinha de pirata, de dinossauro, de bruxa, palhaço e tantas outras mais... Mas quando eu vi, não pude pensar em outra. Lilás e branca, com umas estrelinhas amarelas tão pequeninas que pareciam grãos de areia. Era aquela!

Fiquei com medo de tia Lu não deixar. Mas tomei coragem. Tirei de dentro de mim, assim mesmo ó: eu quero esse vestido de princesa! Ela disse que sim, que meu pedido era uma ordem. Zênite disse que no palco um ator poderia ser qualquer coisa e que se eu quisesse ser princesa, seria então uma linda princesa. A magia era essa! Brincamos muito. Tia Lu vestida de rei, Brisa da manhã de cigana, Edu de príncipe e Zênite de monstro. Na historinha eu era uma princesa tola e fui castigada, até que o príncipe me despertou com cosquinhas.

Tão linda aquela saia rodada. Fiquei contente em sair do meu encanto que rodei, rodei e rodei e o mundo girou. Meu vestido flutuava e eu também. As estrelinhas pulavam. Plic-plic-plic. Eu era uma princesa. Eu sou! Foi então que perguntei pra tia Lu se eu poderia ser pra sempre e todo o sempre, princesa. Ela respondeu que sim, que eu poderia ser quem eu quisesse. Disse também que meu coração era meu guia. Tia Lu me ama, assim mesmo como eu sou. (Eu também te amo, tia Lu). Antes de ir pra casa ela me disse assim ó: eu vou ser a primeira a pentear teus cabelos no dia que tu te tornares rainha!

Meu coração acelerou. Tum-tum. Beijinho-beijinho, tchau-tchau.

Voltei para casa. No gesso do braço de papai escrevi duas coisas: 1) Homem também pode chorar. 2) A gente pode ser o que quiser, até uma princesa.

***Renato Dias***

## **Olá, Dani do futuro!**

Sei que faz tempo que não escrevo nada aqui, é que ando muito ocupada, mas vou tentar resumir um pouco sobre o melhor dia da minha vida! Foi quarta-feira. Como já disse aqui antes, minha melhor amiga, Rafa, teve que mudar de escola, não teve jeito, e eu tava muito triste, tão triste que não quis comer o bolo de chocolate que a minha mãe fez só pra mim!

Eu tava tão triste que tirei nota baixa na prova de português, minha matéria favorita, é que eu não consegui prestar muita atenção na hora da prova. Você deve estar se perguntando como eu posso estar tão feliz agora, depois de tanta coisa ruim, mas agora é que vem a melhor parte, Dani do futuro! Preparada?

Eu tava indo pra casa depois da escola, pensando em como contar sobre a nota para os meus pais, com medo de ficar de castigo, mas quando cheguei em casa, minha mãe nem deixou eu falar direito, ela tava toda sorridente, tipo eu quando vou pra piscina. Então ela mandou eu ir pro meu quarto trocar de roupa antes do almoço e foi junto comigo, tava muito estranho, mas eu fui. Quando cheguei lá, tinha uma caixa enorme em cima da minha cama, com um laço cor de rosa grandão. Olhei pra minha mãe e ela sorria ainda mais, quase me empurrando pra cima da caixa.

Quando cheguei perto, a caixa se mexeu um pouco e eu ouvi algumas fungadas baixinhas vindo lá de dentro, meu coração acelerou. Antes que eu pudesse terminar de abrir a caixa, a tampa voou pro chão e na minha frente surgiu o cachorrinho mais fofo e engraçado que eu já vi! Sério, Dani do futuro! Acho que é isso que chamam de amor à primeira vista! Ele era preto, com o pelo enroladinho e olhos grandes e brilhantes, acho que gostou logo de mim também, porque quando o peguei no colo ele me encheu de lambidas.

Acho que agora você já deve saber porque ando tão ocupada, né? Minha mãe disse que sou eu que tenho que levar ele pra passear, botar ração, trocar a água e pentear ele todo dia, sabe? Ela diz que o nome disso é responsabilidade. Que palavra grande, né? Tive que pedir pra ela me ensinar a escrever. A Rafa já até veio em casa pra conhecer o Bolinha. Ah, esse é o nome dele! Eu que escolhi! Legal, né?

Ele tá dando muito trabalho, às vezes faz umas bagunças e já roeu toda a minha sandália, mas quando ele encosta o narizinho gelado no meu rosto eu esqueço tudinho. A gente não desgruda, ele até dorme no meu quarto e me acorda todo dia de manhã, antes da minha mãe me chamar pra escola. Bom, é isso, Dani do futuro. Tenho que ir agora porque já tá na hora do Bolinha passear! Vou tentar escrever de novo amanhã, se o Bolinha deixar!

## **Querida Dani do passado,**

Enquanto escrevo, Bolinha cochila sob a luz do sol que entra pela janela do meu quarto. Já se passaram 15 anos então ele já não é tão agitado, seu corpo foi tomado por pêlos brancos, conferindo a ele um tom acinzentado, muitos dentes caíram e ele já não enxerga direito, seus movimentos são mais lentos e ele recorrentemente esbarra nos móveis da casa. Ainda assim, é o meu Bolinha e tem os mesmos olhos grandes e brilhantes, o nariz gelado ainda faz cócegas na minha perna.

Não sei quanto tempo ainda tenho com ele, a veterinária não está muito otimista, mas tenho feito de tudo para deixá-lo confortável e feliz. Quero que ele se sinta tão amado por mim, quanto eu me senti amada por ele. Quero ser companhia para ele nesse momento, como ele foi companhia para mim em tantos momentos difíceis, em que ele apenas sentava-se ao meu lado e isso era suficiente para acalantar meu coração. Despeço-me dele diariamente e nunca sei se a despedida é real até acordar pela manhã e vê-lo balançar o rabinho ao me ver.

O dia em que ele chegou a minha casa ainda é um dos mais felizes da minha vida, embora eu já tenha colecionado outros momentos memoráveis. Acabei perdendo o contato com a Rafa, mas não foi pela distância de nossas escolas, a vida tem meios engraçados de nos afastar de algumas pessoas e colocar outras em nosso caminho justamente quando mais precisamos. Muitas amizades vieram depois dela, algumas também se foram, mas há as que permanecem até hoje. Você ainda não sabe disso, por isso dói tanto, mas vai aprender rapidinho, e o Bolinha vai ajudar, continue cuidando direitinho dele. Ele merece todo o amor que você puder dar!

*Lívea Colares*

# **DesesqueSer**

Encontro com a memória

*A vida só é possível reinventada.*

*Cecília Meireles*

## Bug

A folhinha anunciava o novo milênio, nós íamos vivê-lo. Sorríamos pelo mundo não ter acabado. Eu gratíssima à Igreja por ter me salvo. Ainda que agora não consiga mais sustentar o peso do batismo, naquela época recebia presentes da madrinha, as roupas, porque nunca ganhava brinquedos ou uma bicicleta.

Tudo que eu mais queria era uma bicicleta. Não sei o porquê, não dava para fugir em uma. Só lembro de ter ficado querendo ganhar qualquer coisa que fosse legal e fútil. A sensação de que da próxima vez ao abrir o pacote estampado com motivo natalino, apesar de ser qualquer data menos natal, lá dentro estaria o que eu queria, a bike, amor, ou qualquer coisa reluzente, mas, no fundo, eu sabia que os presentes não eram pra mim, e então me esforçava para demonstrar a minha gratidão. Obrigada por não me perguntar o que eu gostaria de ganhar, obrigada por ajudar a minha mãe, que vai economizar para comprar batom e perfume em vez de gastar o dinheiro com roupas para mim.

Na folhinha tinha a foto da igreja de Nossa Senhora das Candeias, e ela amarelava ainda mais com o tempo. Não importou que o ano era outro, ninguém mexia, só acrescentava, e agora tínhamos também o Pelourinho, com suas cores tão bonitas e tristes.

Meu pai tinha caboclo. Diziam que vó levou ele, várias vezes, para Nazaré das Farinhas, para o quê, não sabia, nem a história, nem lidar com a fúria de meu pai bêbado, nem com a sua mansidão no dia seguinte, depois que ele comia ovo cozido com sal e pimenta, preparado com a sabedoria e perdão de minha vó.

Minha vó não deixava a gente brincar com os búzios, ela não dizia que é coisa sagrada, só dizia que não podia. Mesmo agora não consigo me enfeitar com os colares de conchinhas vendidos como tendência de moda.

Estive em Candeias, na Igreja, por algum momento achei que ao atravessar as paredes amarelas encontraria vovó lá dentro, sentadinha. Deixei que o vento batesse na minha cara e secasse as lágrimas antes delas caírem. Lágrimas de quem tinha voltado para a infância e estava dentro da folhinha do ano de 2000. Da parede, posso ver vó escolhendo feijão, seria cozido sem pressão, temperado com alho e sal e machucado com a concha antes dela colocar no meu prato.

Desci até a fonte dos milagres, enquanto a guia da excursão contava a história da primeira pessoa curada ali, eu enchi a garrafinha, e coleí nela um adesivo para diferenciar da garrafa com a água que servia para matar a sede.

Dei para a minha mãe, ela pegou, entretanto, não com o brilho nos olhos que eu esperava, não com a fome convicta de acreditar em credíces. Ainda assim, ela guardou para ser usada para conclamar Santa Bárbara nos dias de

chuva com vento. Um dia, talvez, eu também beba um pouco, só um pouco, para acalmar umas tempestades aqui dentro. Quero sobreviver à angústia de não saber os nomes dos sentimentos que moram no meu corpo, não posso sucumbir a facilidade de nomeá-los de dor ou tristeza.

Algo deu muito errado em todos esses anos, e não sei onde nem quando, mas se eu fosse uma vending machine não conseguiria entregar o produto, o refrigerante, a batata chips, o pequeno príncipe de Saint-Exupéry, iam ficar entalados, e a pessoa do outro lado iria me chutar, me xingar, e eu não poderia fazer nada, perdoem meus defeitos, minhas falhas, diria meu rosto culpado, mas só veriam uma máquina estúpida, e desistiriam de mim.

Uma vez tentei me traduzir para uma pessoa, a mais próxima que tive, pois a deixava atravessar minha pele, coisa não feita por ninguém antes. Ambicionava me entender enquanto me explicava. Disse dos ventos, às vezes redemoinhos, me bagunçando, das águas formando um riacho de lágrimas, e ele, me dizia de volta, como é lindo os orvalhos na tua face de flor, ah, minha flor da manhã. E enfiava a língua apressada na minha boca.

Sinto cada vez mais a falta da minha vó, que não me dava muitas palavras, mas me deu todos os silêncios necessários. E agora, tudo que sei de mim, é que mesmo batizada, sou pagã, a ponto de todos verem isso, a minha falta de Deus.

*Caroline Sampaio Ribeiro*

## **O Perdedor**

Não sei se assim nasci, nem sei precisar o momento em que me tornei; entanto, é fato: sou um perdedor. Não houve na escola caneta nem lápis, borracha que fosse, que chegasse ao fim, decorrência do uso, histórias tantas, erros sem conta: numa semana, já tudo se havia perdido. Passava a emprestar dos colegas, pois meus pais não podiam comprar de novo e de novo os itens que, por descuido, de minhas mãos se esvaíam.

Já na adolescência, perdi um sem número de celulares. Alguns por desleixo, outros por furto. Por bem da verdade, devo dizer que alguns dos que tive foram achados antes que eu os perdesse outra vez, advindos de outros distraídos em algum ônibus ou, quem sabe, vítimas de outros furtos.

Até hoje, em toda viagem que faço, mais curta que seja, algo deixo para trás. Num chalé na praia, um cabide na janela herdou minha camisa xadrez azul e ferrugem, preferida naquele tempo. Tempos antes, os bancos de um carrinho de bate-bate do Hopi-Hari acolheram a xadrez vermelha e branca com botões de pressão cor de chumbo. No deserto do Atacama, o musgo verde de meu sobretudo de lã se casou com a terracota de um muro de barro enquanto eu fumava maconha - para essa perda, ao menos, uma desculpa plausível.

Na infância, atribuí os sumiços a gnomos e duendes, misticismos. A mística agora é mais plausível: não sou fã das partidas.

Tenho medo de não permanecer.

Deixo minhas coisas mais preciosas (e, não raro, as que me vestem o corpo e têm, portanto, minha forma) numa ânsia inconsciente de ficar.

Parte de mim habita as toras de madeira rústica daquele chalé no litoral. Outra ainda se diverte batendo carrinhos de propósito no parque do interior de São Paulo. Um corpo todo, sem pernas, vaga pelas noites assombrando os turistas na praça central de San Pedro.

Eu vivo nas coisas que perdi. E, de alguma forma, minhas histórias de perda se embarçam em tantas histórias de encontros, que sou quase imortal.

Anônimo.

Mas imortal.

Ser um perdedor tem seus encantos.

*Will G.S.G.*

## Raízes

Às sete horas o sol já vinha bater ponto varanda adentro. Invadia a sala desenhando mosaicos pelo piso. Enquanto tomava o seu chá, ela pensou de súbito que quase tudo no velho apartamento era verde. Dos tons mais pálidos aos mais bandeirosos, a cor impunha sua presença em cada canto, em cada cômodo. Engraçado reparar nisso agora, depois de tantos anos. Morara por tanto tempo naquele lugar que sentia como se já fosse parte da mobília, como se já tivesse fincado raízes naquelas entranhas de Copacabana.

De súbito, lembrou-se da primeira vez que esteve ali, com uma chave na mão e uma valise cheia de incertezas. Ainda podia sentir aquele frescor de um novo começo, aquela árvore de possibilidades florescendo sob seus olhos. E agora, o que havia sobrado além de uma coleção de expectativas não supridas? Fora feliz, ah, sim! Mas vivera por tempo demais, passara por experiências demais, e agora parecia ser a única coisa viva que restava.

Voltou-se para as plantas, como costumava fazer sempre que era acometida por esses ataques de melancolia, agora cada vez mais frequentes. As primeiras horas do dia eram sempre as melhores para regar, adubar e, de vez em quando, para chorar. As mudinhas estavam crescendo – recuperadas do último replante. As samambaias derramavam suas folhas sobre a madeira envelhecida, verdejando sobre os móveis, escondendo dúvidas e “*e ses*”, enquanto as águas paradas nos vasos juntavam lodo e recordações. Demorou-se na rega um pouco mais do que era preciso. Na sua idade, a pressa não só era desnecessária, como também indesejável.

De volta à sala, seu olhar pousou sobre a rede estampada em tons verdes de xadrez, quarando a solidão sob o sol. O chá de menta, que esfriava pouco a pouco, repousava sobre a mesa. O saco de limões jazia na fruteira, intocado, talvez já passando um pouco do ponto de um bom suco. Alguém lhe dissera, certa vez, que quanto mais lisinho, mais suculento era o limão. Aqueles já estavam enrugados, como tudo o que havia no apartamento: dos recortes antigos guardados na última gaveta, até as fotos em preto e branco que ainda moravam em seus álbuns, nada ali tinha menos de sessenta anos.

Lavou as louças com uma fúria renovada. Cheiros, gostos, cores de outrora se misturavam na ciranda das lembranças que tanto poderiam ser de ontem como de quinze anos atrás. Não fazia diferença. No fim, eram só os fios brancos murchando, rareando, a memória falhando, as estradas se abrindo pelo rosto e a 3x4 desbotada no RG.

*Fabiola Paschoal*

## **Não achei minha lembrança.**

Não achei minha lembrança.

Passei dias e dias procurando e ela não se destruiu, mas, de algum modo, se afastou. Aquela bolinha verde de tênis que a vovó Iracema segurava, a bolinha que a ajudava a fazer fisioterapia, o único presente que minha avó me deixou. Nunca joguei tênis, nem conheci alguém que jogasse e sei menos ainda como minha avó conseguiu essa bolinha, mas acredito que as bolinhas e as raquetes de tênis determinam o movimento de seus jogadores: um par que só funciona trabalhando junto. Todas as vezes em que eu via vovó naqueles exercícios, percebia os braços dela funcionando como uma raquete, mas a jogada era um movimento do seu próprio corpo. Nos últimos dias, me senti perdendo movimentos. Justamente os movimentos de lembrar.

Não achei minha lembrança.

Esqueci os objetos, esqueci os horários, esqueci compromissos.

Às vezes lembro o quanto esqueço de mim em alguns dias.

Quantos movimentos envolvem o lembrar e o esquecer? Não sei.

Não achei minha lembrança.

Sei que ela existe, existe no movimento das mãos da minha avó, existe na direção que seus braços fizeram para se mover, existe no movimento da busca dos meus olhos. Mesmo que agora não consiga achar o objeto que envolve a minha lembrança, seguirei procurando.

*Karimme Silva*

## O salto

Sol. Calor. Água jorrando da torneira. Desde muito cedo aprendera a sentir saudade. A condição de existir era ter uma falta. Entre as histórias de sua avó e suas viagens internas, a jovem Iná se embalava. Deitada, olhou para o teto com a telha furada, por onde dava para ver um pedaço do céu e por onde entrava um facho de luz que incidia na pele já queimada, naquele ir e vir da rede, recordava a infância ajudada pelas lembranças da avó:

- Lembra quando tu eras pequena? Tu tinhas cada uma... Teve uma época que não querias mais descer no terreiro porque tinham bactérias. Onde já se viu morar na beira do rio e não descer na terra? “Não quero, mamãe, porque tem bactérias, a professora falou”. - Disse rindo enquanto fazia o ritual diário de lavar roupa.

Não adiantava dizer que podia lavar na máquina. Para a avó, as roupas só ficavam bem lavadas à mão. Olhou para as mãos da matriarca que lhe criara, a pele enrugada e escura, dedos grossos e meio tortos pelo reumatismo. Enquanto lavava, pensava na vida, e chorava, e sorria. Um longo ritual. Um grande capricho e empenho em tirar a sujeira das roupas. Muitas vezes, descrevia todo o processo para a neta que se habituara a ouvir as mesmas coisas muitas vezes. Algumas dessas vezes, a voz da avó ficava em segundo plano e o pensamento se perdia. A avó tinha o dom de divagar em voz alta, a neta divagava em silêncio. De gerações diferentes, acreditava que a avó não a entenderia... então, somente ouvia.

Consigo, a lembrança daquele período em que estava descobrindo o mundo para além de si. Era também daquela época a confusão de ter duas mães e os questionamentos de onde viera, já que não tinha pai, pois ninguém falava dele ou mostrava uma foto. Era assunto proibido. A avó continuava falando, mas a voz dela virou, realmente, um ruído ao fundo, já estava dispersa em pensamento.

Das revelações na infância, uma que marcou Iná foi descobrir que sua mãe tinha sido abandonada duas vezes: pelo pai de Iná e por um viajante. Igual à mãe, havia confiado no segundo homem, alto, de pele clara e cabelos enrolados. Ele a levava para passear na praça, comprava pipoca, maçã do amor, sorvete... Um dia, em arraial de festividade de santo da pequena cidade em que morava, ele comprara um brinquedo para ela, um cachorrinho azul, com o peito branco e uma florzinha brilhosa grudada na pequena coleira. Iná olhava para cima, como era grande aquele homem que a carregava nos braços. Sentia que tinha encontrado um pai, coisa que não era difícil, já que o mínimo afeto de um homem era algo inusitado.

Mas ele fora embora, abandonou a mãe grávida, disse que voltaria para buscá-la e nunca mais. O cachorro azul ficara pendurado na penteadeira,

balançava com o vento, a flor brilhosa no peito luzia com a incidência do sol. Deitada no chão, vestida com calcinha de retalhos, Iná rolava, suspendia os braços e, à distância, colocava o brinquedo entre suas mãos no ar. Era encantado como o homem que desapareceu no rio.

E aquelas mãos da avó, tão castigadas, lavam, levam, lavam, levam. Respingos de água coloridos pelo sol, calor, embalo. Quantas mulheres da família carregava? Quanto das dores delas tomaram reverberação em seu sangue? Pensou enquanto observava a avó batendo a roupa no tanque. Ela espancava também suas dores?

Nesse momento, com o barulho da roupa na superfície, retornou a atenção para a avó que contava, novamente, sobre o casamento de conveniência que o pai arranjava para ela. Quanta dureza naquela constatação de costume e não de amor. “Eu era apaixonada por fulano que tinha olhos azuis e era loiro... soube que ele faleceu... eu seria viúva cedo”. “E eu não seria quem sou”, pensou Iná. A avó idealizara a salvação no príncipe loiro. Agora ela amava a ideia que tinha de um homem branco, não o homem que ele fora.

Iná, quando pensa na família, quer ao máximo se afastar da história daquelas mulheres. Quer ser diferente, mudar seu caminho, ser aquela que transitará por novo destino, um destino livre de amarramentos, livre do amor que abandona. Quando mais adolescente fizera uma lista de homens com os quais não se envolveria: militares, policiais, viajantes ... tudo que envolvesse a lei e o deslocamento. Não poderia correr o risco de amar homens austeros e nem aventureiros que chegavam pelos rios e deixavam em cada porto um filho. Por fim, pensou que seria A Viajante. Uma viajante diferente daqueles que conhecia. Não adentraria barcos de madeira para ficar meses em rio, baía, vendendo mantimentos nos rios amazônicos, profissão dos homens por aquela região.

Desejou partir, amar quem quisesse e se afastar do destino de dona de casa. A avó no tanque reclamando das dores. Embalou-se forte (a avó torcendo a raiva), cada vez mais alto (a avó lavando as mágoas), cada vez com mais força (a avó jogando fora a água suja). A escápula rangia, embalou-se como se precisasse experimentar o medo para depois ter a coragem de saltar. Não somente da rede, mas daquela vida.

*Erika de Aquino*

## Navio fora do porto

Tem uma frase que eu adoro que diz: "Um navio no porto está em segurança, mas não é para isso que os navios são feitos". Lembrei-me dessa frase numa manhã de domingo morna e silenciosa, ao encontrar meu velho mochilão enquanto fazia uma faxina caprichada. Ele estava empoeirado e um pouco surrado, mas parecia firme, os bottons de cada lugar visitado ainda enfeitavam o bolso da frente.

A frase brotou na minha mente, puxada por um desfile de memórias das minhas andanças por aí, afinal, eu acho que é isso mesmo, somos tão pequeninos diante da grandeza do mundo, que não faz sentido ficar num lugar só, não depois de ter uma infinidade de lugares lindos para explorar, culturas diferentes para apreciar e pessoas interessantes para conhecer.

Antes de começar a me lançar para fora do meu casulo, eu sentia que o mundo me chamava, eu me sentia como um navio novinho em folha, com grande potencial explorador, mas que não se arriscara a ir muito longe ainda. Hoje, já se completaram 6 anos desde que o meu navio arriscou ir mais longe e navegou muito além dos limites da zona de conforto e segurança. Posso dizer que a minha primeira grande viagem foi um marco na minha vida, porque me mostrou que sonhos se realizam e às vezes bem do jeitinho que a gente quer.

Até agora, eu e meu mochilão já conhecemos oito lugares, nove se contar comigo mesma, porque qualquer viagem para fora é também viagem para dentro, e quanto mais longe vamos, quanto mais saímos da nossa zona de conforto, mais nos aprofundamos dentro de nós mesmos.

No entanto, a maior transformação acontecia sempre que o meu navio voltava ao porto, pois eu percebia que viajar não é só conhecer coisas novas e explorar outros cantos do mundo e de si mesmo, mais do que isso, viajar é voltar para casa e encontrar tudo do mesmo jeitinho, só que ao mesmo tempo diferente. É perceber que a sua cama é muito mais confortável do que você pensava, é valorizar uma boa refeição caseira, é acordar em casa e ficar feliz por ver rostos e sorrisos familiares, é sentir um amor ainda maior pelas pessoas importantes que ficaram te esperando e que te receberam com um carinho ansioso, é sentir a alma vibrar toda vez que alguém pergunta "como foi a viagem?".

E ainda, é perceber que não só as coisas boas continuaram aqui, as ruins também, mas se dar conta de que as boas ficaram maiores e as ruins bem menores. Talvez seja a mudança de perspectiva, viajar muda o tamanho das coisas, a gente vê que o mundo é muito maior que a nossa rotina presa em sete dias por semana e tem muito mais coisas além do que podemos enxergar da janela de casa.

Até hoje me lembro da sensação de contemplar as Cataratas do Iguaçu. Já conheci oito países, mas nenhum lugar do mundo me encantou tanto quanto

aquelas cachoeiras imponentes, esbanjando toda a força e o poder da natureza. Foi aí que percebi o quanto somos pequenos e que nada feito pelo homem será tão magnífico e perfeito quanto o que já estava aqui, antes mesmo do primeiro ser humano pisar na terra.

Eu fiquei tão deslumbrada com aquele lugar que emudeci, não conseguia sequer falar quando saí de lá, era como se qualquer palavra dita, qualquer movimento brusco, fosse capaz de quebrar toda a magia sagrada que me envolvia. Eu ficaria lá por horas, tentando, em vão, fazer com que meus olhos, tão humanos, conseguissem captar toda a beleza e majestade daquele cenário.

O mundo está aí, com todas as suas cores, cheiros, sons e vistas de tirar o fôlego e quando você percebe a dimensão disso tudo, quando você se vê pequeno diante do mundo, você cresce. E então volta para casa e percebe que o que já era grande cresceu com você e o que era pequeno ficou ainda menor. Aquelas bagagens ruins que você deixou em casa ficaram mais leves, é que você aprendeu a fazer as malas, reais e metafóricas, levando consigo apenas o essencial e deixando para trás o peso que só lhe atrasaria.

*Lívea Colares*

## **O CELULAR** **(amores descartáveis)**

O primeiro fato a evidenciar, é que o aparelho era terceirizado quando ela o encontrou. Ainda apresentava os vícios de linguagem do dono anterior; enquanto ela digitava, o corretor automático corrigia palavras para outras que ela jamais usaria. Também tinha o botão da lateral, o principal, que estava com um defeito, mas era algo muito pequeno para incomodar no dia a dia; bastava pressionar um pouco mais que de costume. Além disso, o aparelho era de uma boa marca, tinha uma câmera razoável e praticamente foi um presente divino.

Passados alguns meses, a moça e o celular estavam bem mais sincronizados, fizeram uma variedade imensa de fotos, vídeos e textos, o seu modo de escrever já estava sendo reconhecido pelo aparelho e curtiam pessoas e ouviam músicas, o aplicativo do calendário menstrual sempre sabia o dia exato da TPM, compartilharam segredos. Mas, num desses momentos de aprofundamento da intimidade, de repente, como se vivesse e não mais quisesse isso, o celular escorregou por entre as mãos e deu com o canto esquerdo no chão. Bem de quina, bem na parte de cima. Bem na hora que ela estava mandando uma foto da blusa nova para um contatinho.

A moça ofegou e recolheu-o do chão, examinando os danos. Houve uma rachadura na tela, atravessando o celular do canto em que colidiu, até a outra extremidade. Não foi tão grave, apesar de parecer, já que tudo continuou em pleno funcionamento. Exceto o botão que já possuía uma avaria. Este afundou mais e ficou menos útil, passando a incomodar na rotina que seguiu.

Aos poucos, tudo parecia estar indo bem novamente. Mais imagens, contatos, conversas. Mais sincronia, entre eles e entre as contas de e-mail. Ganhavam mais likes. Quando uma segunda queda aconteceu.

Desta vez o aparelho caiu de cima da mesa, enquanto ela escrevia em seu diário. Provavelmente, mal equilibrado sobre algo, talvez. Como aconteceu, ela nem viu, mas socorreu o aparelho como fizera antes. Sentiu um pouco de desespero, pensando no risco de perdê-lo.

Nesta queda ele havia batido com o lado oposto, também de quina. Só que os danos foram mais visíveis na tela e não ficaram apenas nela; agora o aparelho telefônico tinha vários bugs no momento de abrir e fechar o teclado, demorando também para executar os comandos dos dedos da dona. Não seria fácil, lidar um com o outro, a partir dali.

Entretanto, ela manteve a paciência. Precisava dele, de certa forma. O aparelho era uma fuga dos dias, além das muitas funcionalidades, um escape para o tédio, frustração, trabalho e outras relações complexas. Em quase tudo o celular tinha interferência. Ela se sentia segura, depois do tempo que já

havam experimentado um com o outro. Também já existia um sentimento ali. Forte o bastante para não desistir. Mesmo com as complicações e com a irritabilidade crescente, seguiram juntos e foram levando e relevando desavenças que agora eram parte de seus momentos.

Em várias ocasiões ela deixou de publicar textos, de comentar opiniões, ou dividir com os amigos uma foto em que se sentiu bonita, por conta das manhas do celular que travava bem no momento de confirmar, fechava os aplicativos ou cancelava as atividades que a dona tentava realizar. Ela simplesmente deixava passar, aceitava. Pensava que tudo bem, afinal não eram coisas realmente importantes. E foi perdendo o controle.

Assim, meio que aos trancos, passaram mais um bom tempo juntos; ela cogitava mentalmente as possibilidades de outro aparelho. Já havia perdido alguns momentos significativos com a família, amigos e trabalho. Oportunidades que se foram pelo capricho do telefone. Por vezes ela desistia até mesmo da companhia dele para lazer, tão difícil que a relação estava. Foi quando o dito cujo resolveu surtar de novo.

Ela estava em uma chamada de vídeo com as amigas e o celular começou a esquentar bastante, travando a tela e impedindo que escutasse ou visse o que quer que fosse. De repente, para azar de ambos, um mosquito mirou no olho dela um voo ligeiro, causando o movimento brusco que saiu errado e atirou o celular ao chão.

Aí, um grande drama. O aparelho não ligava mais, nem reconhecia o cabo do carregador. A tela ganhou outra rachadura séria, caiu uma lasca de vidro no canto, próximo a câmera frontal. Isso doeu na própria moça. Logo a frontal, comprometida assim. E ele nada de voltar. Deixou-o descansar, passadas algumas horas tentou ligá-lo e houve uma intenção por parte dele.

Reconheceu o carregador, mas permanecia sem responder. Somente no outro dia, deu ar das graças e funcionou normalmente. Óbvio, ainda com os problemas agravados. Ela entristeceu, mas tentou ficar bem dentro do que ele passou a oferecer. Ao menos tinha voltado.

Experimentou a frontal, se viu numa imagem ferida pela tela quebrada e o pedaço que faltava. Olhou de vários ângulos o próprio rosto e decidiu que, sim, era possível continuar a usar a frontal com um estilo conceitual para as selfies. Recomeçou a tentativa de exercer paciência e manter as sentimentalidades que já estavam estruturadas nos dois.

Apesar da boa vontade que a moça dedicou ao aparelho, ele se recusava a facilitar as coisas. Muitos aplicativos precisaram ser desativados e um dia, sem explicação, foram apagadas do cartão de memória uma variedade de fotos e vídeos, também algumas músicas e áudios que havia recebido de uma paquera. Outros arquivos foram corrompidos, ficaram inacessíveis e ela precisou descartá-los. Foi doloroso esse processo. Sentiu que perdia seus próprios

pedaços. Aos poucos, percebia que se estabelecera uma forte dependência e quem ditava os limites era o celular. Mas, ruim com ele, pior sem ele.

Talvez o telefone tivesse se chateado demais com o acidente. Talvez pensasse que fora proposital, pois estavam sem nenhuma sintonia, as palavras que ele corrigia nunca eram as que ela queria; se ele decidisse que o programa não iria ser executado, ela logo fechava tudo e preferia ficar só. Os momentos já não eram compartilhados. Ela não conseguia se comunicar com ninguém e sentia que já não mais gostava dele, embora não tivesse condições de abandoná-lo de vez. Era complicado.

Um desses dias, cansada com as tentativas falhas de estabelecer o mínimo de comunicabilidade, guardou-o no guarda-roupas e pegou um livro para passar o tempo. Mas, esqueceu de fechar a porta e a gatinha da casa entrou curiosa no móvel. Antes que ela pudesse impedir, a gata passou a atirar o que tinha à vista direto ao chão. Entre os objetos, o aparelho celular problemático.

Foi de costas, bateu de uma só vez, inteiro, terminando de lascrar o vidro. Ela prendeu a respiração, apanhou-o como quem pega um filho. Tentou ligar e quando ele correspondeu, apenas um terço da tela era visível, embora o touchscreen estivesse milagrosamente funcionando por completo.

O manteve com ela por mais alguns dias. Tentando rejeitar a ideia de que, afinal, ele já não a completava, não supria suas necessidades, não cumpria com as expectativas. Não cabia mais nas suas demandas.

Então, chegou o momento. Decidiu não insistir mais e deixá-lo para trás. Juntou umas economias e conseguiu um novo, zerado. Sem condições de repassar para outra pessoa pela inutilidade, entregou o aparelho anterior a alguém que trabalhava desmontando e vendendo as peças separadas.

O novo celular era perfeito.

*Anna Fernanda Eloísa*

## Retrato

Não era tão grande, mas também não era tão pequeno assim. Em sua moldura havia traços precisos que lembravam galhos que se ramificavam pela madeira. Sua forma retangular envidraçada e horizontalmente fixada na parede perdia-se no mundaréu de vasos e ornamentos antigos. Mas continuava ali. Era um porta-retrato teimoso. Nele estava a foto que a mulher fazia questão de ignorar.

Entre inúmeras idas e vindas pelo corredor, a mulher mantinha passos apressados, esforçada em não perder o ritmo acelerado de sua rotina quebrável. Pelo canto do olho, apenas captava contornos daqueles formatos na parede branca. Um breve frio na nuca a atingia ao pensar na possibilidade de encarar, de uma vez por todas, aquele porta-retrato.

Em uma tarde, porém, chegando de um dia de trabalho que extenuou suas forças, a mulher esqueceu seu ritmo agitado e andou pelo corredor com sofreguidão. Existir tinha um peso muito grande que a fazia, às vezes, ter dificuldade para se locomover. Conforme arrastava seu corpo, ela passava os dedos pela parede que agora parecia infinita. Os emplastros de cada centímetro trouxeram para seu peito a lembrança de um porta-retrato. Sim. Ele ainda estava no corredor, ali pendurado na parede, menos saltitante mas ainda mantendo a conservação dos anos que deslizaram das mãos daquela mulher.

Ela, finalmente, se viu diante dos vasos, dos adereços deixados por sua mãe, da tinta distribuída cuidadosamente na parede pelo pai. Ela estava de frente ao retrato que destratava sua solidão, que arrefecia em seu rosto fios descompassados do que um dia foram lágrimas.

Na foto, três rostos conhecidos, mas distantes. Os sorrisos eram medonhos, pois sua memória não associava mais felicidade àquelas figuras. Seu pai e sua mãe não foram pessoas más. Apenas eram frios, ausentes, quietos. Distantes enquanto estiveram na vida dela. Longe o suficiente para que seu coração tentasse fincar, por repetidas vezes, raízes em terreno improdutivo.

Paralisada ficou no *loop* que a foto provocou em sua mente. A linha temporal a levou para sua infância comedida, envolta por braços aconchegantes e muito seguros por sinal. Lembrança agridoce. Um gemido incontrolável começou a sair da boca do estômago. Colocou as mãos para tentar segurar o que estava para expelir, mas o que veio foi um vômito de palavras sólidas e obscuras que nunca antes tinham passado da fronteira de seu corpo:

- Eu odeio vocês!

E um murro naquele porta-retrato transformou em pedaços lembranças doloridas de uma existência sem afagos.

*Felipe Hilan Guimarães*

Eu vim pra cuidar de você

Eu vim pra cuidar de você.

Com a máscara e a distância, não dava pra entender do que era feito o silêncio dele. Eu me esforçava para sorrir e esfregava as mãos com aquele álcool em gel gosmento. Mais parecia sujar minhas mãos do que qualquer outra coisa. A friagem do chão tocava meus pés - deixei os sapatos na entrada do apartamento. No meu colo, o embrulho ainda estava quente.

Levei o pacote até a cozinha, tirei da sacola. Grossa e oval, com uma camada de porcelana branca e desenhos de flores nas laterais. Delicada e pesada, levava dentro o bolo que preparei, de fubá com coco e queijo ralado, receita aprendida com minha mãe.

Estranhei quando ela apareceu em casa, falante, levando para mim uma torta de frango naquela mesma travessa. Foi pendurando a máscara florida no varal ao sol e contando miudezas da vida de isolamento com uma alegria aguda. Estranhei mesmo.

Tomamos um café, ela falou que comprou um vestido pela internet pela primeira vez. Disse que era preto e de alcinha, bem jovem, disse que eu ia gostar dele também. Contou que fez uma horta pequena usando as garrafas pet, sobras do hábito antigo de refrigerante. Perguntei quanto tempo fazia que ela não bebia mais refrigerante.

Vai fazer quase uma semana, respondeu.

Estranhei. Depois que foi embora, ficou uns dias sem ligar. Mandei áudio: Sua travessa tá aqui... Era uma forma de dizer que eu também estava.

Minha mãe amava aquela travessa. Era um dos presentes que ganhou no casamento com meu pai. Sempre guardou as lembranças do casamento muito bem.

Tá bom o bolo?

Não sinto gosto de nada.

Tirei as compras da mochila e coloquei sobre a pia da cozinha. Lavei primeiro a louça suja acumulada, e depois passei uma água nos pacotes. Ele levantou.

Você precisa comer, eu disse. Ele vestiu a máscara de novo.

Liguei pra ela, chamada de vídeo. Estava usando o vestido preto que comprou. Serviu certinho.

É muito bonito mesmo, mãe. Sua travessa tá aqui, tô pensando no que preparar pra colocar nela e devolver.

Ah, não precisa, não. Pode ficar.

Estranhei demais o desapego. Fiquei um tempo quieta. Perguntei do Chico, o gato dela.

Ele tá bem. Destruíu minha horta ontem, disse. Eu fiquei bem quieta.

Seu pai veio aqui...

Fazia o quê? Anos já. Disse que se viram no mercado. Depois de tanto tempo, juntos. Fiz um esforço pra entender. Ela sozinha, filhos criados, procurando uma coisa pra se entreter no isolamento. Ele sozinho, perdendo o ímã que atraía fácil as mulheres. Saudades talvez.

Trouxe a travessa para ele, com bolo e lembrança. Mesmo que meu pai não saiba, eu sei. Reviver aquele amor deve ter sido bom, de alguma forma desejo que tenha sido. Que tenha valido a pena.

Vou até o quarto e bato de leve na porta.

Você não precisa fazer isso, ele diz.

Eu sei, pai. Mas eu vim pra cuidar de você. Vou fazer um caldo de legumes e você vai comer tudo, viu?

Saí do quarto e lavei as mãos. Sentei um pouco no sofá, eu respirando fundo dentro da máscara, olhando para o teto.

Ele não tem nenhuma foto de nós na casa. Agora, tem a travessa de minha mãe.

*Mari Mendes*

## **Fino Trato**

Ficou perdido no espaço, amarrado, aquele que sempre se esconde por distâncias mínimas de parede e cama. Assim, amassado. Um amarrado, ganhado sabe lá por quem, ou só esquecido por alguém. Com marcas do tempo contadas, fininho, quase rasgando, com fiapos já a largar.

Soltando-se aos poucos por ser pesado demais aguentar tantas lágrimas colhidas, choros abafados, medos sentidos. Dores aquecidas de ciclos, usado como cinta de apoio. Nas bênçãos dos dias, um instrumento de fé. "Cobre tua cabeça"; energia ruim aqui não passa. O amarrado, que se move no ar nas noites de lua, como um balançar em gira.

Acolhido e acolhimento. O lenço, aquele pedaço de tecido, fino, usado.

*Deyse Abreu*

## **O Sapo e a Coruja**

É bastante comum que alguns animais vivam em perfeita harmonia e até mesmo protooperando entre si, a exemplo do crocodilo e do pássaro-palito. Agora, imagine uma Coruja do Ártico e um Sapo Cururu dividindo o mesmo habitat.

Ambos convivem tão bem que parecem irmãos. O sapo chegou há cinco anos e a coruja tem alguns meses desde que resolveu pousar em minha humilde residência. Na hora de dormir, os dois são calorosos em me receber, e a presença deles deixa a noite muito mais aconchegante.

Eles são tão importantes que se um dia rasgassem, eu teria de comprar fibra sintética e aprender as mais minuciosas técnicas de corte e costura para restaurar as criaturas que mais me fazem bem: minhas pelúcias.

*Tiago Amaral*

## A blusa

Preciso mudar.

Ir para outra cidade.

Dobrei ela e coloquei na mala.

Preciso mudar.

O que sinto e existe em mim, nesse corpo...

Angústia.

Invasão do meu corpo.

Vazio...

Agora estou aqui.

E não estou aqui.

Fico no meu mundo...um mundo cheio de angústia.

Mas preciso mudar.

Aquela blusa preta...

Levo ou deixo?

Será o meu vazio diferente dos demais?

Será que minha angústia move algo dentro de mim?

Angústia do vazio.

Aquela blusa preta...

Não quero mais me sentir abandonada, largada...

Vou me mudar...

Preciso mudar.

Angústia do vazio...

Vai mudar de cidade comigo?

Não vou levar aquela blusa preta.

Não vou levar a angústia.

O vazio...ah, ele vai comigo.

Vazio  
Vazio...  
para ser preenchido.

Me mudei.  
Aquela blusa preta ficou.  
O sofrimento também.

A lembrança do medo...  
Da morte...  
Do meu corpo pedindo socorro...  
Ainda me acompanham.

O percurso foi tortuoso  
Mas mudei!  
Silenciei o fora.  
Encontrei o que precisava dentro.  
O silêncio e o vazio foram bons.

A mudança sempre traz novos ares.  
Honrei a dor e o sofrimento.  
As lembranças ainda existem... menos intensas.  
Deixei aquela blusa preta.  
Deixarei as lembranças também.

*Karlene Bianca*

## Sob a figueira

Ela queria começar de novo, mas já era tarde, tarde.

Andava em círculos, feito hamsters zonzos, correndo numa bolinha que não leva a lugar algum. Tentou lembrar-se de quando dizer que *somos tão jovens* fazia ainda algum sentido – agora, em vez disso, soava como uma piada de mau gosto.

No espelho, um riso irônico, de canto, como quem julga em silêncio, como quem diz:

ridícula.

O que fazer com um caminho livre à frente? Seguir ou pausar? Fluir ou planejar? Parecia libertador ter uma estrada nua a percorrer – sem entraves, sem barreiras, sem alertas, sem radares. Sem capivaras dobrando a esquina.

sem. nenhuma. pista.

No entanto, tamanha liberdade a atingia como um soco.

Poderia usar as palavras “liberdade” e “opressão” na mesma frase e ainda soar coesa? Não sabia. Mas a estrada olhava de volta, poeirenta, sarcástica, ameaçadora, enquanto ela permanecia paralisada no ponto de partida.

Pensou nos figos de Sylvia Plath.

(uma palavra: inadequação)

Não cabia naquela gaiola. Girava a esmo, absoluta e persistente, corria em círculos em busca... Do quê?

[...]

As palavras, elas jorram aos borbotões. Em seu peito, tudo é tempestade. A água invade cada centímetro como palavras ainda não ditas, pesando sobre o peito, esvaziando os sentidos, preenchendo os poros com luz e escuridão.

Os figos ainda repousam em seus galhos, intocados, irremediáveis.

Cada escolha é um corte à faca – mutila a carne, rasga, estilhaça.

O sangue escorre pelos frutos.

O tempo escorre pelas frestas.

Ao longe, a estrada vai, vai, vai.

*Fabíola Paschoal*

## Espadas

Estavam no lixo. Trouxe para o apartamento vazio que tinha acabado de mudar. *Dracaena trifasciata*. Conhecidas como Espada-de-São-Jorge, Santa-Bárbara, Iansã. Dizem que protege de energia ruim, olho gordo, essas coisas. Planta resistente, não requer muitos cuidados. Cresce com desespero de ocupar a terra.

Um, dois, cinco vasos, que me fazem companhia desde que fiquei sozinha.

Dias, meses, passou o Natal e as enfeitei com pisca-pisca. Completou um ano. Quem sabe quando vai terminar?

Passsei a observá-las por longo tempo. Acompanhei o crescimento como uma mãe orgulhosa que marca ano a ano a altura de sua criança na parede.

Fiquei íntima das curvas que fazem quando crescem, dos tons de verde que, em algumas, combinam com o amarelo e ranhuras que as diferenciam.

Passsei em cada uma óleo de coco como se as folhas tesas fossem cabelos que precisassem de umectação.

Furei ovos para colocar em suas pontas da mesma forma como vovó fazia para enfeitar suas plantas no grande quintal de sua casa do interior. A saudade se misturou ao cheiro de terra. Parei de adereçá-las quando percebi que teria que comer muitos ovos para enfeitar todas as folhas. Não quero que achem que tenho favoritas.

Uma aranha fez ninho entre elas. O casulo branco de teias aumenta e dá sinais de que está prestes a romper. Às vezes tenho vontade de pegar uma tesoura e cortar o algodão para ver como as aranhinhas estão lá dentro. Quanto tempo custa para uma aranha nascer?

Entristeço quando vejo que alguma folha perdeu o viço e começa a secar. Tento salvar com água e adubo. Não tem jeito. Está seguindo um ciclo. Eu também me sinto assim, secando.

Já estão sufocando na terra outra vez. Preciso de novos vasos. E se um dia me faltar espaço e tiver que jogá-las no lixo também?

Pensar nas plantas que tanto conheço se partindo no moedor do caminhão de lixo me faz sofrer. Nunca fui boa com separações. Não admito perder mais nada.

Porque agora sei que as espadas me protegem de mim.

*Lorena Palheta*

## Tinha uma borboleta no olhar

Ele tinha uma borboleta no olhar. No formato exato, o sinal diminuto no olho esquerdo. Ele tinha uma borboleta no olhar. Mas isso agora era imperceptível, ficara nas horas incontáveis quando a mãe o amamentara e o pai lhe punha no colo. Quando eles só tinham olhos para aquela marca em sua cria.

Ele tinha uma borboleta no olhar. Carregava como toda criança dali o amuleto verde, pendendo no peito. Ele tinha uma borboleta no olhar. O Muiraquitã servia para livrá-lo do mal. Contra o quebranto, o veneno da serpente, o chamado da mãe-d'água. Fazê-lo bendito contra as agruras da vida. Sortilégio e livramento.

Ele tinha uma borboleta no olhar. O tempo passava e talvez ninguém enxergasse que a hora de voar se anunciava em pequenos detalhes, gestos discretos e sonhos calados. Ele tinha uma borboleta no olhar. Não era comum a troca, a conversa. A casa era de um mutismo prolongado. O pai exigia que ele estudasse, não lhe impunha o esforço do labor físico da lavoura nem a estafa do remo, cingindo o rio turvo, assim como eles. O filho era tão delicado. Ele tinha uma borboleta no olhar. No entanto, o pai, com suas ásperas e calejadas mãos, lhe indicava um sentido na vida, uma direção: a firmeza do homem do norte.

Ele tinha uma borboleta no olhar. Sempre que podia, a mãe acendia uma vela no altar de Nossa Senhora de Nazaré. Ele tinha uma borboleta no olhar. Intuitiva e sábia, desconhecia as letras, mas sabia ler a alma. Ela compreendia que aquela mudança terminaria em tragédia. Tinha medo. Medo de tudo. Ele tinha uma borboleta no olhar. O filho delicado, os gestos, a voz. Ele tinha uma borboleta no olhar. As lágrimas diminutas vagavam pelo rosto até sumir na boca fina e estéril de palavras. Sempre fora assim. Ele tinha uma borboleta no olhar. Cabisbaixa nos dias em que o coração mais apertava. Varrendo o terreiro ou descamando os peixes. Ele tinha uma borboleta no olhar. Ela sabia que um dia seu curumim voaria.

Tinha uma borboleta no olhar. No entanto ele já não estava ali. Tinha uma borboleta no olhar. A violência o arrancou do lar: a fúria dos homens. Tinha uma borboleta no olhar. Deixara apenas um bilhete e o muiraquitã, renegando a raiz, a bênção. Desprendendo-se para sempre dos seus. Tinha uma borboleta no olhar. Eles não conheciam as letras. A mão firme do pai recolheu o pequeno bilhete e o amuleto dum verde opaco e os deixou por muitos dias na gavetinha. Tinha uma borboleta no olhar. A vela de Nossa Senhora de Nazaré agora derretia mais rápido e a mãe desesperava-se em preces. Somente a mão santa lhe poderia salvar, deixara o sapinho preso ao cordão para trás, como a deixara também.

Tinha uma borboleta no olhar. Nas tarefas de casa, a mãe fitava o escondido do último ato do filho, e, vez ou outra, abria para ver se o pedaço de papel e o amuleto ainda estavam lá. Tinha uma borboleta no olhar. No papel, as palavras escritas lhe pareciam as ondas do rio, mas seu dedo contornava cada letra, percorrendo o papel gasto, tentando decifrar o recado do filho. Tinha uma borboleta no olhar. O peso da inchada não era maior que o do peito. Sua criança já não estava ali. O pai demorou muito para encontrar um leitor. Levou o bilhete escondido à escola e pediu que a professora o lesse. Tinha uma borboleta no olhar. E, na medida que ela lhe decifrou o sentimento impresso no bilhete amassado, pela primeira vez, seus olhos derramaram-se. Tinha uma borboleta no olhar. Leu para a mulher que aguardava com os olhos pedintes a revelação do segredo. Deu-lhe o bilhete na mão. Ele sabia as palavras de cor. Os olhos dela também se derramaram. Ela guardou o bilhete na gavetinha, pousado ao lado do muiraquitã. Tinha uma borboleta no olhar. O silêncio cresceu. Ela guardou tudo no coração.

Tinha uma borboleta no olhar? O peso da inchada tornara-se demais para sustentar. Ele tinha uma borboleta no olhar? Os passos vagarosos percorriam o terreiro. Tinha uma borboleta no olhar? No altar as velas ainda eram ofertadas. A santa lhes tinha misericórdia. Amém! Tinha uma borboleta no olhar? A casa era cheia de silêncio e saudade. A dor fazia morada no peito. Sim, tinha uma borboleta no olhar! Ela lhe benzia com o preparado, banho de cheiro, com a folha do limoeiro. As folhas cítricas cadentes, levadas pela água, percorrendo sua criança, mesmo ao crescer, sua criança. Lembranças.

Tinha uma borboleta no olhar. Ocorreu de atravessar pela porta da casa uma mulher muito bem-vestida. Pediu água e sombra, timidamente. Seus olhos percorriam o casebre simples. Tinha uma borboleta no olhar. Quando todos os olhares se encontraram, correram de encontro à mulher, de braços abertos. Ela tinha uma borboleta no olhar. Com a mulher, entrou ali, também, o perdão. A mãe correu até a gavetinha, trouxe o Muiraquitã que voltava a verdejar, incandescente, refletindo o sol. Abençoava a renascida. E, naquele dia, o silêncio deu lugar ao pranto e ao riso, pois ela tinha uma borboleta no olhar.

*Renato Dias*

# **Minibiografias**

### **Anna Fernanda Eloisa**

Escritora, roteirista e cientista social, residente em Belém do Pará, divaga sobre as pequenezas e sentimentalidades do cotidiano, das interações humanas e na intimidade da vida comum. Por vezes, vagueia com fantasia dentre essas relações e afetos. Gosta de gatos, de dançar, e de açaí com charque. Pode ser lida também na coletânea “Trama das Águas”, com a poesia “Última vez que te vi”, e na I Mostra Cultural On-line ‘Amazônia Mulher’, com o poema “Sustância”; no Medium e no Instagram, com mais.



### **Caroline Sampaio Ribeiro**

Nascida em Manoel Vitorino, na Bahia, é formada em Letras e pesquisadora de literatura. Em 2019 participou da coletânea As coisas que as mulheres escrevem (Editora Desdêmona), e continua participando, desde então, de outros fazeres coletivos e individuais de escrita.



### **Deyse Abreu**

Professora; Escritora, Ecofeminista, Mediadora do clube de leitura Leia Mulheres Capanema; Membro e fundadora da coletiva caboca; Membro e fundadora do Clube de Escritoras Paraenses; formada em letras LP (UFPA); Mestra Linguagens e Saberes da Amazônia (UFPA)



### **Erika De Aquino**

É professora de Literatura e Português formada pela UFPA. Pesquisadora em Teoria Literária com foco no romance e nos estudos de construção de personagem. Leciona para o ensino básico em comunidades ribeirinhas levando para a sala de aula a escrita criativa. Tem textos publicados em coletâneas como “A Beleza do partir”, organizado por Monique Malcher pelo Sesc Rio Preto e “Revoada” organizado pelo coletivo Clube de Escritoras Paraenses. Também é Mediadora do clube Leia Mulheres Belém, promovendo a difusão da literatura e da leitura.



### **Fabiola Paschoal**

É publicitária e formada em Letras, e escreve desde que se entende por gente. Seja como trabalho, seja como hobby, a palavra escrita a acompanha desde pequena. E a salva todos os dias. Mora no Rio de Janeiro com suas plantas, seus livros e os fantasmas da sua cabecinha.



### **Felipe Hilan Guimarães Santos**

É de Ananindeua (Pará). Trabalha, pesquisa e estuda sobre criação literária. É coordenador do Grupo de Escrita Literária HIATO, projeto de formação de adolescentes escritores. Navega entre poemas melancólicos e contos de temática social. @felipe.hilan



### **Karlene Bianca De Oliveira**

Mulher, mãe, arquiteta, performer e antropóloga. Escreve para se relacionar com o mundo exterior e com seus mundos internos, suas angústias, gosmas e alegrias.



### **Karimme Silva**

Paraense. Mestra em Artes pela Universidade Federal do Pará (PPGARTES/UFPA). Artista-pesquisadora de Teatro, Dramaturgia, Encenação e Processos Criativos. Atriz-cantante, intérprete no projeto musical MANTO. Escritora. Colaboradora em Pesquisa e Montagem Cênica pela Escola de Teatro e Dança da UFPA. Artesã de cena, palavra e som.



### **Lívea Colares**

Jornalista apaixonada por literatura, teve seu interesse pela leitura despertado ainda na infância. Escreve romances, crônicas e poemas. Em 2020, foi uma das vencedoras do Prêmio Uirapuru, da Editora Folheando, na categoria Crônicas, que teve como premiação a publicação da obra “Encontros”. Também é autora do romance "A menina e o palhaço" e do livro de poemas "Sussurros estelares".



### **Lorena Palheta**

Belenense, jornalista graduada pela Universidade da Amazônia. Trabalha como redatora desde 2015. Entusiasta da literatura e de viagens por rios e mares.



**Mari Mendes**

É mineira de Itaúna, radicada em Sorocaba. Seu primeiro livro, *Potências do Encontro* (Editora Patuá, 2019) recebeu o Prêmio Sorocaba de Literatura. Participou de coletâneas e teve textos lançados em algumas publicações. É colaboradora do site *Livro & Café* ([livroecafe.com](http://livroecafe.com)). Compartilha parte de seu processo no Instagram [@soumarimendes](https://www.instagram.com/soumarimendes).

**Renato Dias**

Nasceu em Belém (PA). Estudou Letras pela UFPA e atua como tarólogo e professor de linguagens em escolas da capital. Publicou alguns contos em revistas e blogs. Escolheu fazer da escrita sua forma de tecer e costurar a imaginação, afetividades e experiências.



### **Tiago Amaral**

Nascido em 2002 e natural de Belém-PA. Graduando em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará. Apaixonado pela cultura de seu estado, Tiago busca sempre implementar traços marcantes do cotidiano paraense em seus textos.



### **Will G.S.G.**

Nasceu em São Bernardo do Campo, no ABC Paulista. Cresceu sob a névoa e a garoa fina, sempre acompanhado pelos livros. Ainda menino, descobriu a poesia e, já na adolescência, começou a se aventurar também nos contos, e é através das palavras que tenta compreender melhor a si mesmo, o mundo, e a relação que se dá nas interseções. Radicado em Barcelona, na Espanha, atualmente trabalha em formas de respirar entre as engrenagens. Em 2022 publicou seu primeiro poemário: *Cesura*, pela Editora Encruza (Campinas).





